

Meu Caro António Louçã

1. O meu filho João Paulo enviou-me ontem à tarde o email com artigos seus sobre o que se passou na Fragata Gago Coutinho no dia 25 de Abril de 1974.

Creio que só nos encontrámos uma vez, há anos, em Lisboa, numa sessão de lançamento de um livro seu, a que me levou o João Paulo. Foi aí que encontrei também o seu pai pela primeira e última vez desde que saí da Marinha, em 1966.

Não sou especialista nesta coisa de *links*, mas creio que consegui ler tudo o que interessa. E fiquei muito satisfeito por tido esta oportunidade. Na verdade, há uns meses, não sei bem onde (na revista da A25Abril?), li o depoimento (ou artigo, já não sei) do Imediato de seu pai naquela altura. Não dispondo eu, na altura, de elementos para fazer o contraditório do que ele dizia, o depoimento dele pareceu-me convincente.

2. De todo o modo, devo dizer-lhe que tive dificuldade em acompanhar as declarações do Imediato, quando ele diz que o seu pai se pôs aos berros com ele e que o insultou, usando termos que ele não repetia por pudor (cito de memória, mas creio que foi mais ou menos isto que ele disse). Ora a ideia que eu retenho do Comandante Louçã é a de um militar austero, de poucas falas e poucos sorrisos, talvez exigente para com os seus subordinados (porque era também muito exigente para com ele próprio), mas sempre uma pessoa muito educada e polida no trato. Sempre o tive por um Comandante que gostava de se fazer respeitar e ser respeitado sem ter que berrar com os seus subordinados e muito menos sem ter que os insultar.

Para nós, milicianos, sempre foi de trato irrepreensível, compreendendo perfeitamente que nós não eramos militares profissionais, que eramos mais velhos do que os cadetes da Escola Naval, que eramos quase todos já licenciados e que, muitos de nós, tinham já uma experiência de vida que não se identificava com a vida militar. Creio que os meus colegas milicianos da Marinha, que tiveram a sorte de o ter como Director de Instrução na Escola Naval (1963/64), não dirão dele coisa diferente daquilo que eu digo, que é exactamente aquilo que eu penso.



Lidas agora as suas reflexões sobre o episódio ocorrido na Fragata Gago Coutinho no dia 25 de Abril de 1974, elas fornecem-me informações que eu não tinha, em especial quanto à natureza das decisões tomadas naquela ocasião pelo Comandante Louçã.

Impressionou-me o facto de, segundo o seu relato, o Imediato, durante aquele dia, nunca ter esclarecido a natureza e os objectivos do “Movimento”. E fiquei também sem perceber quais as razões que poderão justificar o facto de o Imediato, sobretudo se ele conhecia as posições políticas do Comandante, não ter tentado, abertamente, aliciá-lo para aderir à revolução.

A verdade é que eu sempre ouvi dizer, na Marinha, nos idos de 1963-1966, que o Comandante Louçã não era apenas um liberal antifascista, era um homem de esquerda, casado, aliás, com uma advogada com posições de esquerda (filha, segundo então ouvi, do Dr. Neves Anacleto, que teve de se exilar em Moçambique). Como é que um oficial de Marinha (uma arma com uma vida interna muito intensa, com a ‘intimidade’ própria dos navios e com locais de encontro e de convívio como o Clube Militar Naval), que ainda por cima era Imediato do Comandante Louçã, não tinha uma informação correta sobre a posição política dele, de que toda a gente falava na Escola Naval no tempo em que eu a frequentei?

À luz do que acabo de dizer, é claro que tenho também dificuldade em compreender como é que não foi contactado pelos oficiais do MFA (que na altura ainda não se chamava assim), logo no início (antes do dia da acção armada), alguém como o Com. Louçã, que eu sempre me habituei a ver catalogado como um homem de esquerda.

3. Mas creio que compreenderá a dificuldade que também tenho em compreender como é que, no ambiente da Marinha acima descrito, um homem empenhado politicamente como o Com. Louçã não teve conhecimento da movimentação entre os oficiais das FFAA com o objectivo de derrubar o fascismo (com ecos nos meios da Oposição, porque, nas férias da Páscoa anteriores, vindo uns dias de Paris a Coimbra, tive acesso a uma versão do futuro *Programa do MFA...*, eu que não tinha ligação a nenhum partido político ou força organizada).



Poderá ser que o seu pai tenha estado fora do País nos anos antes de 1974, em missão de serviço. Mesmo que tal tenha acontecido, não consigo perceber como é que, entretanto, nenhum oficial superior (gente do tempo e da idade do Com. Louçã), de entre os que, segundo as informações que tenho, estavam a par do que se passava, teve a iniciativa de o contactar. No seu texto relata o que se passou com o então Com. Rosa Coutinho (de quem fui amigo e que recebi algumas vezes em minha casa, juntamente com outros Amigos, como o Gen. Vasco Gonçalves, mas com o qual nunca falei sobre este assunto). Mas havia outros oficiais superiores ‘tocados’. E, esses, por que razão nunca lhe disseram nada?

Não sei se tal aconteceu, mas, se o seu pai esteve fora do País, esse facto pode explicar que ele não tivesse conhecimento de acções várias de oficiais da Marinha, a partir do início da década de 1970 (de que eu próprio tive conhecimento, talvez por pertencer à ‘família’ dos marinheiros...). Mas isso não explica que os camaradas do Com. Louçã (da mesma idade e graduação militar) não lhe tenham falado dessas movimentações.

Sempre ouvi dizer (ideia que depois confirmei junto de alguns Amigos da Marinha) que muitos oficiais progressistas da Armada identificavam as movimentações no seio do Exército como ‘coisa’ de spinolistas, o que significava a desvalorização de (ou até a desconfiança relativamente a) essas movimentações, por entenderem (sobretudo os que o conheciam da Guiné, como era o caso do seu pai) que Spínola não era um democrata, mas um oportunista que se movia apenas em nome de projectos pessoais de poder, destinados a mudar alguma coisa para que tudo continuasse na mesma. Admito quer fosse esta também a opinião do Com. Louçã, o que, a ser verdade, poderá ajudar a compreender que também ele, no diálogo com o Imediato ao longo do dia 25 de Abril, não tenha procurado esclarecer junto dele o que era e quais os objectivos do tal “Movimento” referido pelo Imediato. Se o Com. admitisse poder tratar-se de uma iniciativa spinolista, então toda a cautela poderia ser pouca (como veio a confirmar-se em 11 de Março de 1975...). É apenas uma hipótese, mas parece-me lógico colocá-la aqui.

3. Porque a minha ideia sobre o Comandante Louçã era a que atrás relato, estranhei, naturalmente, o que comecei a ouvir poucos dias depois do 25 de Abril, nomeadamente logo que fui para Lisboa, a fim de participar no 1º Governo Provisório.

Na altura, a informação que consegui obter foi a de que, dado o atraso da organização do MFA na Marinha (coisa estranha, porque a Marinha era tida como o ramo mais progressista da FFAA!), tinham decidido os ‘conspiradores’ não abordar, naquele tempo, os oficiais pertencentes ao Estado Maior (não sei se a expressão correta será esta...), porque, em princípio, estariam mais próximos dos centros de comando e da hierarquia fascista. Era um critério demasiado formal, que não se baseava no conhecimento das pessoas, mas aceitei essa informação.

O que então me chegou ia no sentido de que, quando contactado, naquele dia, o Comandante Louçã terá ficado agastado por não o terem contactado antes, acrescentando que, agora, era tarde, embora não aceitasse as ordens do Estado Maior para fazer fogo sobre o Terreiro do Paço. Perante o que eu considerava o perfil militar do Comandante Louçã, esta versão pareceu-me, então, algo credível. Na altura, alguém me disse também que foi o Comandante Louçã que pediu imediatamente a sua passagem à reserva, tendo mantido a sua decisão apesar de algumas tentativas de amigos seus para o convencer a retirar o pedido. Pareceu-me coerente este tipo de comportamento numa pessoa e num militar como aquele que eu via no Comandante Louçã. Não posso garantir, evidentemente, que estas informações (datadas) estejam correctas. Talvez não, mas, até há pouco tempo, eram aquelas de que eu dispunha.

5. Aproveito para lhe contar duas histórias passadas comigo e com o seu pai na Escola Naval quando eu fui cadete de Marinha e ele era nosso Director de Instrução, respeitado e admirado por todos nós, milicianos. Uma delas revela claramente uma posição política; a outra faz parte da pequena história, mas deixa perceber que tipo de pessoa era o Comandante Louçã.

Começo pela primeira. Um certo dia, o Director de Instrução chamou-me para me dar uma informação pessoal e confidencial. E logo acrescentou que a Pide tinha enviado para a Escola uma informação a meu respeito (de que não dava garantias de, como oficial, servir os superiores interesses da nação), que, se estivesse no Exército, me levaria à companhia disciplinar sediada em Penamacor e ao cumprimento do serviço militar obrigatório como soldado raso. Mas, como estávamos numa Escola Superior, o seu Comandante (Comodoro António Morgado Belo, para que conste) tinha levado o assunto ao Conselho Escolar. Aqui, quer o Director de Instrução quer os professores e instrutores do Curso todos se manifestaram no sentido de que nós éramos cadetes



exemplares, com excelente aproveitamento, gente que fazia falta na Marinha. Falo no plural, porque fomos três os contemplados com a informação da Pide e com o aviso do seu pai (tendo percebido que fomos chamados os três, separadamente, mas só os três – eu, o Carlos Alberto Picado Horta e um colega do Técnico que eu conhecia de Coimbra, onde tinha feito os preparatórios –, perguntámo-nos: o que te queria o Louçã? Certamente, o mesmo que queria de ti... foi a resposta de uns aos outros). Perante as intervenções do Diretor de Instrução e dos professores, o Diretor da Escola terá concluído que estava devidamente esclarecido e que o assunto estava encerrado. O Comandante Louçã acrescentou que eu deveria ficar ciente de que, enquanto eu estivesse na Marinha, onde eu estivesse estaria um agente da Pide. Concluindo, acrescentou que, se eu falasse em público desta conversa, ele teria mais uma chatice.

Ele não fez mais comentários e eu fui também muito parco nos meus. “Senhor Comandante, esta conversa nunca existiu. Quanto ao resto, a minha experiência da vida e os conhecimentos que aqui adquirirei da arte de navegar hão-de ajudar-me a navegar nas águas turvas”. Agradei-lhe o gesto dele e retirei-me. Até hoje, estou-lhe grato por este gesto, que revela um empenhamento político democrático e a solidariedade militante com os perseguidos pela Pide. Não vem agora ao caso, mas tive a oportunidade de verificar que, efectivamente, na Direção Geral de Administração Naval (onde fui colocado, na melhor das ‘províncias’ portuguesas, o Terreiro do Paço, com vistas para o Tejo), havia mesmo um informador da Pide, apesar de o Director (Comodoro Fernando Diniz) ser um democrata (amigo do Almirante Ramos Pereira, que foi candidato da Oposição). Creio que a posição política do Comodoro Fernando Diniz terá tido influência na minha colocação na DGAN (não sei se o seu pai terá sido ouvido nesta matéria...), onde fui tratado como um senhor, dispensado de andar fardado (porque estava a fazer estágio para a advocacia no escritório do Dr. Salgado Zenha, na Rua Augusta), tendo entrado com o posto de doutor e saído com o mesmo posto.

6. A outra história é esta. Um dos oficiais da Escola era um tal tenente Vasconcelos Castelo (espero não errar o nome), que toda a gente dizia ser monárquico e salazarista. Pessoalmente, suspeito que ele sabia quem eu era politicamente. E tentou ‘lixar-me’. Uma vez, em plena formatura antes de sairmos da Escola Naval para fim de semana, disse-me que eu teria de ficar na Escola porque os meus sapatos não estavam de acordo com o que dizia a Ordem. Naquela altura usavam-se sapatos pretos com

biqueiraafiada à frente, e eu, que não sou de modas, tinha uns sapatos da moda quando entrei na Marinha. Fui ver o que dizia, sobre sapatos, a famosa Ordem, e vi que os meus correspondiam ao modelo oficial: estava servido, não tinha de comprar outros, embora eu soubesse que toda a gente usava sapatos redondos à frente.

Como a Ordem mandava que os sapatos fossem pretos, lisos, de couro, com biqueira à frente, foi isto mesmo que eu disse ao tenente Castelo. Mas este acrescentou, com um sorriso vencedor: pois é, mas os sapatos têm de ter biqueira redonda e a biqueira dos seus é ponteaguda. Peço desculpa, mas o senhor tenente não leu bem a Ordem. Esta fala de “sapatos pretos, lisos, de couro, com biqueira à frente”. Mas não diz nada sobre o feitio da biqueira. O homem engoliu e teve de me deixar sair para fim de semana.

Não sei se o seu pai teve conhecimento deste episódio, mas a verdade é que, tempos depois, o tenente Castelo ensaiou outro expediente para me complicar a vida. Quando passava revista à formatura antes de sairmos, comunicou-me que precisava de falar comigo, pelo que deveria aguardar por ele no gabinete do Oficial de Dia. E eu assim fiz. Os minutos iam passando e o tenente Castelo não chegava (a estratégia dele era essa). Mas chegou o seu pai, que logo me perguntou: ó Avelãs Nunes, você não vai para Lisboa? Vou, sim, senhor Comandante, mas o tenente Castelo mandou-me esperar aqui por ele... Ora, ora, o tenente Castelo... Vá-se mas é embora e rapidamente, se não quer perder a vedeta. Eu falo com o tenente Castelo. E eu disparei correndo, depois de lhe ter agradecido o gesto de compreensão. Nunca soube o que o seu pai disse ao tenente Castelo, mas a verdade é que este nunca mais me chateou.

7. Termino, que já vou longo. Não posso, é evidente, comprovar nada do que se passou na Fragata naquele dia. Mas uma coisa parece certa: o Comandante Louçã recusou-se a cumprir as ordens provenientes do Estado Maior da Armada e a Fragata Gago Coutinho não fez fogo sobre os militares que actuavam no Terreiro do Paço.

No essencial, o que eu quero dizer-lhe é que mantenho, intacta, a gratidão do gesto que atrás refiro do Comandante Louçã para comigo e para outros Colegas perseguidos pela Pide; que continuo a ver nele um democrata e um homem honesto; que tinha razão em o considerar uma pessoa incapaz de usar a força militar contra civis desarmados; que nunca admiti que ele fosse capaz de disparar sobre os militares que se movimentavam no Terreiro do Paço no 25 de Abril de 1974, sobretudo se soubesse que

o objectivo deles era o de derrubar o governo fascista e o regime fascista que oprimia o nosso povo.

Um abraço para si. Peço-lhe presente ao seu pai o testemunho da minha gratidão e da minha consideração.